

**Vicente Soares Neto**



**O Segredo do Pico da Jacutinga**

editora  
**Virtual Books**

## **O Segredo do Pico da Jacutinga**

---

© Copyright 2014, Vicente Soares Neto

1ª edição

1ª impressão

(publicado em dezembro de 2014)

Todos os direitos reservados, protegidos pela Lei 9.610/98. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida, em qualquer meio ou forma, nem apropriada e estocada sem a expressa autorização do autor.

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

SOARES, Vicente Soares

O SEGREDO DO PICO DA JUCITINGA. Vicente Soares Neto. Pará de Minas, MG: VirtualBooks Editora, Publicação 2014.14x20 cm. 61p.

ISBN 978-85-434-0407-3

Literatura brasileira. Brasil. Título.

CDD- B869

---

Livro editado pela  
VIRTUALBOOKS EDITORA E LIVRARIA LTDA.  
Rua Porciúncula, 118 - São Francisco  
Pará de Minas - MG - CEP 35661-177 -  
Tel.: (37) 32316653 - e-mail: capasvb@gmail.com  
<http://www.virtualbooks.com.br>

***O Segredo***  
***do***  
***Pico da Jacutinga***



**No Pico da Jacutinga**



**A Chegada**

### SUMÁRIO

SUMÁRIO .....	6
Oração.....	7
Dedicatória .....	8
Sobre o Autor .....	9
Capítulo 1 – O Encontro .....	10
Capítulo 2 – Um Quadro na anela .....	16
Capítulo 3 – Os Antigos abitantes .....	25
Capítulo 4 – Os Preparativos.....	32
Capítulo 5 – A Caminhada .....	36
Capítulo 7 – No Topo do Pico .....	46
Capítulo 8 – O Retorno .....	55

## Oração

*Senhor, meu Deus, dê-me o conselho certo e a prudência necessária. Dirija os meus passos para que eu possa compreender o meu caminho. Dê-me justiça e eqüidade. Faça com que meus planos tragam abundância. Dê-me a vida, a justiça e a glória. Vigie-me e preserve-me da angústia. Prepare o meu cavalo para os dias de batalha, a minha vitória depende do Senhor. Evite que eu afadigue para enriquecer, evite que eu aplique isso ao meu espírito. Dê-me sabedoria e vigor. Deixe-me tratar do Senhor como trato de uma figueira. Eu Lhe peço duas coisas, por favor, não me negue antes de minha morte: afaste de mim a mentira, não me dê nem pobreza nem riqueza, conceda-me o pão que é necessário.*

***Vicente Soares Neto***

### **Dedicatória**

Dedico esta obra, aos meus amigos de adolescência que moravam em Campo Belo – MG no final da década de 1960.

## **Sobre o Autor**

**Vicente Soares Neto** é formado em Engenharia de Telecomunicações e em Engenharia Elétrica-Eletrônica pelo Instituto Nacional de Telecomunicações – INATEL.

É escritor, tendo já editado vários livros na área de telecomunicações e literatura brasileira.

### Capítulo 1 – O Encontro

Vicente caminhava pelas ruas de Campo Belo, no inverno de 2.010. Não conseguia perceber o que acontecia a sua volta. Caminhava com passos pequenos, olhar distante e cabisbaixo. Envolvido com os seus pensamentos não se dava conta do que ocorria a sua volta.

Um dia frio, manhã enfumaçada pela neblina matutina, propiciava todo um ambiente, repleto de fatores, que o levava a fazer uma profunda reflexão. Relembrava vários momentos de sua vida. Momentos bons e momentos ruins.

Depois de certo tempo de andanças, vagando a esmo pela cidade, sentou-se no primeiro banco da praça, perto da Velha Matriz. Com a mão esquerda sob o queixo, com pose de pensador, o-

lhava para a esquerda e para direita, aproveitando o momento para observar o ambiente.

Não tardou muito quando uma voz conhecida, o chama.

— Monsieur.

Somente uma pessoa poderia chamá-lo daquela forma. Seu grande amigo de infância o Flavinho.

— Oi Flavinho, quanto tempo?

— Oi Monsieur, cheguei ontem de Araguari. Estou caminhando pela praça.

— Também estou nessa. Estou fazendo uma reflexão, pensar na vida, você sabe, né...

Os dois amigos, quando ainda crianças, moravam em casas de frente uma para outra, foram colegas na escola e cursaram a mesma faculdade, tendo se formado em engenharia.

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

Os dois, agora com quase sessenta anos, já aposentados, cabelos grisalhos, tinham muitas histórias para lembrar. Na verdade, tinham mais histórias para contar do que para viver.

— Monsieur, disse o Flavinho. Quais são as novidades? Como está a família?

— Bem, tudo bem.

— Não parece que esta tudo bem, você esta muito calado. Para um otimista convicto, este não é o seu perfil. O que esta acontecendo com você?

Monsieur, ainda com a mão esquerda no queixo, com o olhar fixo no horizonte, a voz um pouco amargurada, olhou firme para o Flavinho respondendo de forma evasiva.

— Não sei. Hoje, amanheci pensativo.

— O que é isso Monsieur, pensa que pode me enganar? Nós somos amigos há quase sessenta anos, vivemos juntos por muito tempo, você

pensa que não o conheço? Vamos, abra o coração, coloque para fora esta agonia. Ou não somos amigos?

— Pois é gosto muito de vir a Campo Belo, mas ultimamente os meus passeios por aqui estão me deixando deprimido, fato que não é do meu feitio. Você sabe. Campo Belo para mim, sempre foi um lugar de refúgio espiritual, venho aqui para recarregar as baterias da alma, nivelar as minhas emoções e matar a saudade do lugar e das pessoas. Infelizmente, muitas mudanças ocorreram. Talvez a falta de nossos pais que já partiram a diminuição do número de amigos, que também já partiram, e outros fatos possa estar colocando-me neste estado de espírito.

O Flavinho com a sua experiência de vida, com a perspicácia que lhe é devida, muda de assunto e passa a lembrar alguns fatos históricos que vivenciaram juntos.

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

— Monsieur, você se lembra da festa ocorrida na praça quando o Brasil conquistou o primeiro título mundial de futebol em 1958?

— Como não poderia me lembrar? Nós subimos a Rua Joaquim Rios juntos, chegando até a Praça dos Expedicionários. O foguetório era intenso. Nunca vi tanta alegria. O povo estava todo na rua, abraços, vivas, sorrisos, foguetório, gente chorando, a meninada subindo nas árvores. Talvez o primeiro carnaval fora de época do Brasil.

As recordações alegres dos tempos de sete anos de idade transformaram o semblante do Monsieur. Já se podia ver a alegria estampada na sua face. Os olhos pequenos, sob os óculos com lentes grossas posicionadas pelo um elevado grau de miopia, agora transbordava de alegria.

O Flavinho, concluindo que havia alcançado o seu objetivo, o de mudar o estado da alma do

Monsieur, pesou baixinho, lá com os seus botões: o cara é o mesmo. Sensível e alegre.

— Monsieur, e da nossa jornada ao Pico da Jacutinga, você se lembra?

O Pico da Jacutinga, esta situado na Serra da Ema no município de Campo Belo – MG, possuindo cerca de 1.146 metros de altitude. Pode ser visto de toda a cidade, imperando imponente ao sudoeste da cidade, manifestando como um dos cartões postais da região.

— Claro que sim. Foi uma jornada muito importante, onde os acontecimentos ocorridos naquela época impactaram as nossas vidas até hoje.

### Capítulo 2 – Um Quadro na Janela

A primavera de 1968 estava prestes a romper as flores, principalmente às do ipê amarelo, que contrastam com o verde da mata. O clima, como de costume, nesta época, fazia precipitar algumas chuvas, que tornavam o campo feliz e os pássaros começavam os rituais de acasalamento. Não era quente como no verão, nem tão frio como no inverno.

Monsieur, postado na janela de seu quarto, olhava para o Pico da Jacutinga, coberto com algumas nuvens, formando um manto esbranquiçado que como um cachecol abraçava a montanha, fazendo com que ela se apresentasse com ar divino e puro abençoando a cidade aos seus pés.

Monsieur tinha o olhar perdido no horizonte levando consigo os pensamentos, os sonhos e o futuro. Aquele era o último ano que passaria na

casa de seus pais, pois no ano seguinte teria que se mudar para Belo Horizonte, capital das Minas Gerais, para continuar os seus estudos.

Como uma casualidade do destino, aquela montanha, que durante os seus dezessete anos de vida, sempre foi um mural, como uma pintura à frente a janela de seu quarto. No próximo ano não a poderia contemplar e nem trocar com ela as confidências de um adolescente.

Perdido nos seus pensamentos Monsieur suspirava profundamente quando a incerteza e a imaturidade dos desafios do próximo ano lhe afligiam o coração.

Criado em uma cidade do interior de Minas Gerais, sob a severidade da educação da tradicional família mineira, suportada pela fé religiosa de seus pais, nada parecia mais ousado, do que se mudar para uma metrópole, e vencer os desafios de viver sozinho.

## **O Segredo do Pico da Jacutinga**

---

Nada parecia tão difícil, do que deixar para traz o seu primeiro amor, das idas ao cinema aos sábados, da missa dominical e das quartas-feiras na sede da União Estudantil Católica.

Seria tão difícil, mudar a rotina de levantar às seis horas, buscar o pão na padaria do João Pa-deiro ou na do Zé Faria, tomar café e ir para a escola às sete horas.

Estudar pela manhã, no primário e no ginásio no Colégio Armstrong e no científico no Colégio Dom Cabral.

Almoçar por volta das onze horas e trinta minutos, fazer a cesta até às treze horas e realizar os deveres colegiais até às dezesseis horas.

Depois tudo liberado, contando que o banho fosse tomado antes de sair para encontrar os amigos. Praticamente todos os meninos e meninas da época chegavam em casa por volta das 21 horas,

no máximo 21:30. Às 22 horas já era um sacrilégio.

Monsieur estava lá, fitando o horizonte com o Pico da Jacutinga sobressaindo imponente por entre as montanhas onduladas e antigas da Serra da Ema.

O frio que subia pela boca do estômago fazia com que seu coração batesse mais rápido. Os pensamentos vagavam na incerteza e na insegurança.

Era necessário reagir, mas como?

Monsieur estava vivendo um momento entre a incerteza e os novos desafios, uma vida diferente estava por ser escrita.

Todo caminho novo tem que ser sentido, nos seus mínimos detalhes, então seria mais prudente, usando uma figura de metáfora, tirar os sapatos e percorre-lo descalço. Talvez esta fosse a melhor solução para o Monsieur.

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

Após estes pensamentos envolvidos com as características da incerteza, Monsieur pode ver o Flavinho na varanda de sua casa. Em um relance dos olhos, um grito vem da direção da casa de frente ao seu quarto. Era o Flavinho gritando para ele.

— Monsieur! Monsieur! Monsieur! Venha até aqui, comer uma cocada que minha mãe acabou de fazer.

A cocada é o doce predileto do Monsieur e a Dona Diana, mãe do Flavinho sabia disto.

— Espera um pouco que já estou descendo.

Descendo as escadas de sua casa, foi andando pensativo. Esperou que dois automóveis passassem, um Chevrolet 51 e um Pontiac 52, atravessou a rua, foi entrando pela casa da Dona Diana sem cerimônias.

Já dentro da casa, a vitalidade e a alegria que sempre foram a marca registrada da Dona Di-

ana já oferecendo um pedaço de cocada, ainda morna. Dirigiu-se a ele com um carinho maternal, pois em uma cidade do interior, os amigos de seus filhos eram tratados como filhos também. Chamou do apelido carinhoso com que o Flavinho lhe dera.

— Monsieur. Pega esta cocada, acabei de fazer.

Pegou uma e se deliciou.

Antes de acabar de degustar aquele pedaço de cocada, a Dona Diana já lhe oferecia outra. Era uma tentação.

A Dona Diana, a melhor doceira de Campo Belo, tinha o prazer de oferecer este doce ao Monsieur, não somente pelo seu sabor, mas principalmente pela pessoa que é, pois a figura simples, de coração puro, e de amor incondicional as pessoas, ficava ela feliz, somente por tornar os outros felizes. Grande pessoa, de alma e de coração.

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

— Monsieur, disse o Flavinho. Vamos para a varanda?

Já na varanda, rodeada de flores por todos os cantos, com um pequeno chafariz construído logo abaixo da escada e uma poltrona de ferro colocada em uma das paredes. Ninguém, entretanto, sentava-se na poltrona. Sentavam-se isto sim, na beirada da varanda, com os joelhos ajustados junto ao peito, e a conversa sem compromisso desenvolvia por entre assuntos diferentes, voltados para o cotidiano dos anos de 1968.

Flavinho o mais intelectual, conhecia profundamente a história de cada aeronave de guerra e era um apaixonado por equipamentos eletrônicos.

— E aí Flavinho, quais são as novidades? Disse o Monsieur.

— Estava aqui na varanda olhando o Pico da Jacutinga e estou pensando em convidar alguns

colegas para uma aventura até ao seu cume. O que você acha?

— Bem, a época não é das melhores, pois no mês de setembro começam as primeiras chuvas. É bem difícil subir até lá com chuva. Será que seria uma boa, ir agora.

— Deixa de bobagem, você não é feito de açúcar. Se tomarmos alguns pingos d'água não vai matar ninguém.

— E então, quem nós vamos convidar para esta missão?

— O Fafau e o Quinca.

— Vamos falar com eles no colégio e amanhã marcamos uma reunião, aqui. Certo?

O Fafau é uma das pessoas mais inteligentes que já estudaram no Colégio Dom Cabral, dono de um raciocínio lógico impressionante e de um vasto conhecimento de matemática.

## **O Segredo do Pico da Jacutinga**

---

O Quinca é uma pessoa com o dom dos negócios, muito sério e um grande companheiro.

Despediram-se os dois amigos e o Monsieur voltou para a sua casa.

### **Capítulo 3 – Os Antigos Habitantes**

No dia seguinte, após o descanso natural após o almoço, estava o Flavinho sentado na varanda de sua casa tendo a frente o Pico da Jacutinga, quando Monsieur chegou.

— Oi Flavinho. O que está fazendo aí. Pensando na vida ou preocupado com a prova de física que iremos fazer amanhã?

— Nada disto Monsieur. Estou olhando para o Pico da Jacutinga, encravado no horizonte depois do planalto do campo de aviação, pensando... que povos antigos poderiam ter vivido por estas bandas.

— Acredito que os índios, principalmente os cataguases devem ter sido os primeiros moradores desta região. Disse o Monsieur.

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

— E os negros do Quilombo dos Ambrósio, não viveram aqui também? Você sabe alguma coisa a este respeito, Monsieur?

— Bem..., dos índios estive pesquisando na biblioteca municipal. A região compreendida entre o Rio das Mortes até as cabeceiras do Rio São Francisco, no século XVII, segundo historiadores, era conhecida como Campo Grande dos Cataguás. Sendo que a palavra Caataguá, segundo a língua Tupi-Guarani, tem o significado de: caa (mato, árvore), ta (duro) e gua (vale). Assim pode-se dizer que a tradução poderia de forma simplista ser Vale do Mato Duro. Entretanto pode-se ter uma nova versão para a denominação Caataguá. Acredito na minha interpretação, que deveria ser uma versão do ponto de vista dos próprios indígenas como “homens que viviam no vale e fortes ou duros como o mato”. Certo Flavinho.

— Hum, agora estou lembrando uma conversa com o Pe Agostinho, nosso professor de história

no Colégio Dom Cabral. Ele me disse que estes índios eram os mais temidos pelos bandeirantes, por terem determinação nas lutas e grande crueldade com seus inimigos.

— É verdade Flavinho, acho que eles viveram nesta região quando Campo Belo pertencia ao Povoador de Casa do Casca do Tamanduá, que mais tarde passou a ser chamada de São Bento do Tamanduá e hoje denomina-se Itapeçerica, que pertenciam a Comarca de do Rio das Mortes, atual São João Del Rey.

— Monsieur, estes índios foram caçados pelos portugueses que faziam parte da Bandeira de Lourenço Castanho Jacques, o Velho. Conta a história Monsieur, que lá pelos anos de 1726, as terras que pertenciam aos índios cataguases foram ocupadas por negros fugitivos que aqui chegaram, comandados por Ambrósio e vieram a formar o Quilombo do Ambrósio.

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

— Então Flavinho, na nossa expedição ao Pico da Jacutinga poderemos encontrar algum artefato produzido ou pelos índios ou pelos negros, que aqui moraram, não acredita nisto?

— Não sei não, disse pensativo o Flavinho.

Neste momento os amigos avistaram o Fafau, atravessando a Praça Catarina Parreira, que por sinal não poderia ser assim chamada, devido as suas pequenas dimensões, uma aberração dada à memória de uma pessoa que pela sua importância em ter construído uma igreja, mereceria que seu nome fosse dado à praça que a circunda. Subindo a rua, vindo à direção do Flavinho e do Monsieur, Fafau chega ofegante e foi logo dizendo.

— Quando é que iremos ao Pico da Jacutinga?

— Nós estávamos conversando sobre isto, agora mesmo, disse o Flavinho. Estávamos falando dos índios cataguases e dos negros que moraram

nesta região e que provavelmente estiveram lá em cima, no alto do Pico.

Pensativo por alguns minutos o Fafau olhou para o Pico da Jacutinga, fito-o no horizonte, depois esfregou as mãos, coçou a cabeça e foi dizendo.

— Ontem estava conversando com um amigo do meu pai, que sempre passa pela estrada que margeia a serra onde está o Pico da Jacutinga e ele me disse que algumas pessoas têm receio de subir até o cume. Parece que viram coisas estranhas lá.

Monsieur o mais ansioso dos três foi logo perguntando.

— Mas que coisas estranhas são estas, Fafau.

— Não sei, mas este amigo do meu pai quando me contava a respeito ficou todo arrepiado, acho que tinha medo, muito medo. Não sei se

## **O Segredo do Pico da Jacutinga**

---

ele viu alguma coisa, mas a sua voz até mudava, quando ele me contou sobre isto.

Monsieur aventando a hipótese de que a região se tornara morada dos negros Bantus, descendentes de grupos étnicos originários da África Central, com cultura milenar que conforme informações históricas existiam há mais de 2000 anos AC.

Estudos realizados até o final do século XX mostraram que a esmagadora maioria das linhagens paternas da população branca do país veio da Europa. Porém, surpreendentemente, as linhagens maternas no Brasil mostraram uma distribuição bastante uniforme quanto às origens geográficas: 28% de linhagens africanas, 33% de ameríndias e 39% de européias.

Os Bantus contribuíram em muito para o desenvolvimento da região, pois além de serem extremamente organizados socialmente, detinham o

conhecimento na fabricação de metais, dominando a técnica de metalurgia.

— Oi Fafau, disse o Monsieur.

— Oi turma replicou do Flavinho e o Quinca quase que simultaneamente.

— Vamos subir a serra, disse o Monsieur.

O Fafau que havia levantado a hipótese de que a região acontecia coisas estranhas, foi logo dizendo.

— Vamos nos preparar para a aventura de subir a serra. O que mais necessitamos.

— De coragem disse o Quinca.

— De comida e água disse o Flavinho.

— De um plano para escolher o melhor percurso, disse o Monsieur.

A conversa havia iniciado e a motivação estava alta.

### Capítulo 4 – Os Preparativos

Uma semana se passara desde a última conversa dos amigos na varanda da casa do Flavinho e a turma resolveu se reunir novamente, meio por acaso, mas foi assim.

Por ironia do destino, durante uma semana sem conversar sobre a viagem ao Pico da Jacutinga, os quatro amigos se encontraram na Praça Cônego Ulisses, arborizada por vegetação frondosa dotada de frescor aconchegante e local de reunião dos adolescentes da cidade.

O Monsieur que gostava muito de astronomia, estudante amador desta matéria, exemplificou que a formação das três colinas que formam a cadeia de montanhas do Pico da Jacutinga, apresentava o perfil das Três Marias da constelação de Órion. Além disto, disse ele, este alinhamento é

também semelhante às das três grandes pirâmides de Egito: Quéops, Quéfren e Miquerinos.

Poderiam os Bantus originários da África terem trazido consigo, mesmo que no imaginário coletivo, os ensinamentos antigos do povo Egípcio? Disse o Flavinho.

Além destas premissas que foram levantadas o Fafau, preocupado com o encantamento da montanha, estava com a testa franzida de preocupação. Entretanto, sem tomar qualquer atitude de medo, comentou mais uma vez, que o lugar apresentava características sobre naturais.

O Quinca, com a veia de negociante, foi logo dizendo. Vou encontrar o ouro dos Bantus.

A tardezinha já se aproximava do fim e na entrada da noite a conversa fluía sobre os mais diversos assuntos.

O Flavinho então tirou do bolso um papel contendo as anotações realizadas a lápis contendo

## **O Segredo do Pico da Jacutinga**

---

o percurso que deveria ser trilhado para se chegar ao alto do pico.

Além disto, com a sua organização peculiar, mostrou a lista de apetrechos que cada um dos rapazes deveria providenciar para que a jornada tivesse sucesso. Além da comida necessária, cantil, faca, a máquina fotográfica e um gravador de áudio.

Uma semana depois estava tudo pronto, faltava apenas o convencimento dos pais dos garotos e marcarem a data da viagem.

Apesar das preocupações inerentes a uma jornada como esta, evidentemente que os pais dos garotos os incentivaram ajudando-os a prepararem a matula. Matula surtida. Não faltava nada, pois seria um dia inteiro para a caminhada de ida e de volta.

O dia estava marcado para o segundo sábado do mês de outubro. O inverno foi embora e a primavera já sorria.

Os campos e os ipês já floriam de forma a proporcionar a melhor paisagem aos olhos na trilha da serra.

Havia somente um problema. Verificando os dados da Folhinha Mariana, o dia da jornada haveria chuva ao entardecer. Bem, ninguém aqui é feito de açúcar disse o Flavinho novamente, então não vamos nos derreter. Vamos nessa.

### Capítulo 5 – A Caminhada

Chegou o dia da partida.

Às seis horas da manhã, céu ensolarado esquentando o ar fresco da manhã um manto de nuvens esbranquiçadas abraçando o pico e a ansiedade natural para o início da caminhada.

A frente da casa do Flavinho os rapazes carregando as suas mochilas e apetrechos preparavam-se para a jornada mais importante de suas vidas.

Partiram...

Descendo a ladeira da Rua Joaquim Rios, passando pela Rua Cardoso tomaram o rumo dos trilhos da antiga Rede Mineira de Viação. O caminho seria mais suave subindo a Serra da Ema via lado leste, porém mais distante.

Caminhando ao lado da ferrovia que margeava em um ponto a rodovia de terra entre Campo Belo e Candeias surgiu no horizonte uma poeira levantada por algum veículo que vinha na direção dos rapazes.

Vamos pedir carona, disse um deles.

Naquele tempo, ao final da década de 60 o mundo, principalmente no interior de Minas Gerais era muito diferente. As pessoas se conheciam, a convivência era harmônica e o relacionamento muito puro. Diferente dos dias de hoje. A Cidade era uma grande família.

Depois de alguns poucos minutos uma perua Chevrolet para no meio da estrada a pedido dos rapazes. Estavam economizando uns 5 quilômetros de caminhada.

Após uns 10 minutos de carona o Flavinho pediu para que o motorista parasse junto à uma

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

porteira situada bem no início de um dos três picos da Serra da Ema.

Apesar do sol já estar em posição de esquentar o caminho, a brisa do vento refrescava os corpos dos rapazes antes do início da subida da serra.

Após uma hora de caminhada, os garotos chegaram até um local muito arborizado onde corre um pequeno riacho de águas cristalino, com a fonte da nascente a poucos metros daquele local.

Parada obrigatória bradou o Quinca.

Durante alguns minutos de descanso após se refrescarem com a fonte de água e sob a sombra das árvores ao redor a conversa prosperou.

— Já vencemos a primeira das montanhas, minha gente, faltam duas, disse o Flavinho. Daqui a mais duas horas de caminhada estaremos no cume do Pico da Jacutinga.

Neste instante na ponta da trilha surge uma pessoa de traços rudes, caminhar sonolento, chapéu de palha e botina. Veio andando devagar na direção dos rapazes, como um mineiro matreiro, desconfiado ao ver gente por aquelas bandas.

— Oiii. Disse o caminhante. Meu nome é Chico e moro por estas bandas, falando o mineirês típico da região. Quem são ocês?

Todos ficaram calados. O silêncio foi devido a surpresa ou influenciado pelas estórias que o Fafau tinha contado.

— Oi Chico. Replicou o Fafau. Tudo bem com você? Nós somos da cidade e vamos subir até o cume do Pico da Jucutinga.

— Ocês já tiveram por aqui? Respondeu perguntando o Chico.

— Não sô, respondeu o Fafau. É a primeira vez.

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

— Então preste atenção na picada. Tem cobra, pedra sortida e as veis ocês pode encontrá coisa diferente.

— De que você está falando? Entrou na conversa o Flavinho.

— Aqui por estas bandas, as veis do meio da tarde pra riba aparece uns baruido esquisito. Parece gente andando, parece gente falando, mais cê vai vê, num tem nada. Disse o Chico.

— Você já viu isto, retrucou ofegante o Monsieur.

— Vê num vi não. Mais...já vi gado correndo, maritaca gritando, folha de árvore mexendo, mais já falei com gente que viu. Só tô contando o que me contaram.

— É perigoso então andar por aqui Seu Chico? Perguntou o Monsieur.

— Não moço...É que a gente que vive por cá tem muito medo. Tem medo dos espíritos. Gente boba. Eu moro aqui tem mais de 50 ano e sempre ouvi falá desta coisa.

— Então o que acha que é Seu Chico? Disse o Quinca.

— Muito tempo atrás, meu pai me disse, que é as alma de uns caboco que guarda um tesouro que tá escondido em um buraco lá em cima, pertinho das arvore de cedro.

Papo vem, papo vai e o Chico se despede da rapaziada, pedindo para eles terem cuidado no caminho. Orienta que não é necessário ter medo, somente manter a calma, nunca se apavorarem, pois o caminho é cheio de pedregulho e em um descuido alguém pode perder o equilíbrio e escorregar pela ribanceira.

Olhando um para o outro, os rapazes respiraram fundo e continuaram a sua jornada. Agora

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

um grande desafio. Estavam calados, pela primeira vez. O sol ia esquentando o caminho, a trilha cada vez mais ia se tornando mais íngreme e na solidão de seus pensamentos o medo e o imaginário iam tomando conta de suas mentes. Os sentidos estavam aguçados.

Por volta do meio dia, já ao pé do Pico da Jacutinga pararam para fazer um lanche.

— Vamos parar gente? As lombrigas já estão mordendo minha garganta disse o Monsieur.

— Estou do mesmo jeito. Disse o Quinca.

A parada para o lanche foi providencial. A rapaziada, matando a fome passou do estado de tensão, desde a conversa com o Chico para um ambiente alegre, fazendo piada, e até mesmo descreditando na estória que ouviram.

Terminado o lanche, arrumaram as mochilas, encheram os cantis em uma mina próxima, iniciando a jornada para a última fase do percurso.

A conversa entre a rapaziada corria solta.

O sol estava de arrebentar mamona. Algumas nuvens negras se aproximavam. Em poucos minutos, uma chuvinha fria veio refrescar o ambiente. Foi providencial.

A medida que iam subindo a serra, em direção ao Pico da Jacutinga, a terra molhada dificultava ainda mais a caminhada.

Resolveram parar perto do topo. Faltavam mais ou menos 100 metros para o cume.

Sentado em uma pedra de granito que interrompia a passagem da trilha de subida, Monsieur estava pensativo, olhando o horizonte sem fim, vendo a cidade de Campo Belo ao sul, a cidade de Candeias a leste e a majestosa Serra da Boa Esperança a oeste. Visão encantadora.

Seu olhar estava perdido na distante visão do horizonte infinito e sua mente mergulhada nas histórias dos negros do Quilombo do Ambrósio.

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

O silêncio abraçava a montanha perpetuava as incertezas e assombrava a alma. Até mesmo o vento estava quieto.

Os relatos históricos do famoso tesouro do quilombo, nunca encontrado, recheado de diamantes e ouro, separados por mais trezentos anos veio a permear a mente de cada um dos rapazes naquele momento.

As três montanhas alinhadas com as Três Marias da constelação de Órion seria um local ideal para que ali permanecesse enterrado o famoso tesouro?

E as histórias contadas pelo velho preto Chico seriam verdadeiras?

O momento não passava. O tempo parecia que entrara em transe.

Quebrando a ousadia do silêncio, a quietude da alma de cada um dos rapazes o estrondo de um relâmpago acelerou o coração de cada um deles.

Fafau, não se conteve.

— Gente! Gente! Gente! Se ficarmos parados aqui o nosso objetivo de chegar ao pico não vai ser realizado hoje. Vamos...?

Os rapazes tomaram novamente o rumo, na trilha tortuosa e molhada dos últimos cem metros da subida.

### Capítulo 7 – No Topo do Pico

Chovia fino, ventos vindos do Norte, neblina abraçando o pico com seu manto branco encobriam as cidades e povoados ao redor. Somente a silueta da Serra da Boa Esperança ainda continuava visível.

Abrigados em uma fenda, os rapazes procuravam se proteger das intempéries da natureza.

A chuva engrossava os pingos, o vento cantava mais alto e a neblina, cada vez mais densa trazia um clima de apreensão.

Escondidos, mas molhados e encorujados, os rapazes se espremiavam na fenda da rocha buscando se protegerem das águas que caíam do céu e rolavam por entre as pedras e a vegetação.

Passados pouco mais de meia hora o sol novamente brilhava dissipando a névoa e trazendo alegria. O horizonte agora estava profundo e

mesmo molhados viram a natureza acordar de uma pequena hibernação momentânea.

Faltavam alguns passos para que chegassem ao cume do pico.

O Quinca foi o primeiro a pisar na plataforma de pedra que forma o platô do Pico da Jacutinga. Deslumbrado com o feito solta um grito estridente que ecoa por toda a região assustando até mesmo a passarinhada que se acomodara nas copas das árvores próximas.

O Flavinho foi o segundo a pisar no topo. Para nossa surpresa sentou-se em uma pedra pequena levemente solta e começou a revirar a sua mochila como a procura de alguma coisa importante.

— Ei! Vejam o que eu trouxe!

Era uma pistola semi-automática de marca Mauser calibre 6.35.

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

O Quinca não gostou da atitude do Flavinho e foi logo xingando-o por aquela atitude.

O Fafau estava muito pensativo.

O Monsieur que também gostava de armas, após o primeiro tiro disparado pelo Flavinho, foi logo pedindo para experimentar a arma.

O clima esquentou de vez entre os rapazes. O Quinca perdeu a paciência esbravejou tudo que podia, tendo como aliado o Fafau e a arma voltou a mochila, lugar de onde nunca deveria ter saído.

Passado alguns minutos de muita excitação sentaram-se em um círculo, de mãos dadas rezaram agradecendo a oportunidade de estarem passando por um momento tão especial em suas vidas. Evidentemente comandados pelo Flavinho, católico fervoroso.

Cada um dos quatro rapazes observava um ponto do Pico da Jacutinga, quando o Fafau, espantado e ofegante, grita para todos.

— Olha lá, bem ali. Que reflexo brilhante é aquilo?

Todos se voltaram para o lado oeste do pico, na direção da Serra da Boa Esperança, quando puderam ver em uma fina fenda escavada pelas águas que ali caíram um pequeno pedaço de metal, ovulado e reluzente, com quinze centímetros na vertical e onze centímetros na horizontal.

— Será algum achado importante? Retrucou o Monsieur.

— Temos de descer até lá e buscá-lo disse o Flavinho.

— Vamos lá Quinca, você é o mais leve de nós. Disse o Fafau.

Rapidamente o Fafau começou a construir uma “corda” utilizando os cintos utilizados pelos rapazes possibilitando que o Quinca pudesse chegar até a fenda, logo abaixo do cume do pico da Jacutinga.

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

— Pronto. Vamos lá Quinca. Disse o Fafau.

Com muito cuidado para não escorregar na íngreme encosta, o Quinca foi descendo letamente até a fenda na rocha, onde estava o objeto desconhecido e reluzente.

Cançado e ofegante pega o objeto, coloca-o dentro da jaqueta amarrada em sua cintura e começa a subir pela encosta. Faltando um metro para o topo o Fafau agarra-o pelo colarinho da jaqueta conseguindo colocá-lo são e salvo, mesmo que estivesse um pouco esfolado e com a roupa suja de barro.

Um momento de silêncio.

Cada um dos rapazes se entreolhava fitando aquele objeto colocado sobre a superfície de uma pequena pedra. Por uns alguns minutos, a atmosfera e o espanto envolveram o ambiente marcando pelo resto das vidas os rapazes perplexos.

Flavinho toma a iniciativa, pega o objeto e começa a analisá-lo.

— Bem...!É uma placa de ouro em formato de ovo. Colocou-a na posição onde a parte mais larga está voltada para cima, descrevendo-a: No topo tem uma figura de uma cabeça de mulher la-deada com querubins. A expressão facial da mulher retrata que ela estaria gritando, devido ao formato da boca. Se olhar penetrante, parecia estar enviando uma mensagem de reprovação. Parou e ficou quieto.

A seguir Monsieur tomou a placa entre suas mãos relatando que em toda a sua borda estava marcada por pequenos pontos em alto relevo. Ao centro da placa havia um desenho curioso. Podia ser visto claramente, do lado esquerdo um cavaleiro montado em seu cavalo a galope e do lado direito uma embarcação com várias pessoas a bordo. Um pouco abaixo pessoas feridas ou mor-

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

tas. Todos os desenhos foram elaborados em alto relevo.

Certamente uma placa em ouro confeccionada pelos Bantus, do Quilombo do Ambrósio.

Passaram-se alguns minutos entrelaçados de muita euforia e um pouco de silêncio.

— Esta na hora de voltarmos para a casa. Disse o Flavinho.

Todos concordaram com a proposta sendo iniciados os preparativos para descerem do pico da Jacutinha rumando para a cidade de Campo Belo.

Cada um foi juntando os seus apetrechos guardando-os em suas bolsas transversalmente passadas através do corpo.

Quando o Flavinho iria guardar a placa dos Bantus em sua bolsa, um vento muito forte começou a soprar. O gemido do vento parecia imitar o choro de uma mulher. As árvores não balançavam.

Passos podia ser ouvido. Barulhos estranhos como o tilintar de metais se faziam presentes, mas nada podia ser visto.

O Flavinho com a placa entre as mãos parecia que estava congelado. Os demais rapazes, também.

A placa foi colocada sobre uma pedra próxima pelo Flavinho, todos os rapazes se entreolharam e suspiraram fundo. Neste momento o vento choroso parou de soluçar.

— Que coisa estranha. Disse o Monsieur.

— Nós fomos avisados. Disse o Fafau.

O Quinca, ainda ofegante, pasmo e branco de susto, disse:

— Vamos devolver esta placa para o lugar de onde a tiramos. Vou fazer isto agora. Não me impeçam.

## **O Segredo do Pico da Jacutinga**

---

Pegando a placa que estava sobre uma pedra no topo do pico andou calmamente até a borda do penhasco, mirou na fenda situada a poucos metros abaixo, soltando-a até a fenda onde estivera depositada durante centenas de anos.

— Vamos embora, disse o Flavinho. Chega por hoje.

A rapaziada começa a descer o Pico da Jacutinga, em silêncio, com passos pequenos, mas com uma estória que iriam lembrar por toda a vida.

## **Capítulo 8 – O Retorno**

Chuviscava fino, o terreno escorregadio, o cansaço e as experiências vividas no topo do Pico da Jucutinga haviam minado consideravelmente as forças físicas e psicologias dos rapazes.

A descida foi feita em silêncio.

Após certo tempo de caminhada, pararam a beira do riacho de águas transparentes ao pé da montanha principal, o Pico da Jacutinga. O momento era de descansar os pés, beber da água refrescante e encher os cantis.

De repente, como surgindo do nada surge entre as árvores a silueta de um preto velho, de cabelos brancos fumando um cigarro de palha. Vinha andando calmamente, com o tronco balançando, mas com os olhos firmes na direção dos rapazes.

— Oiii!

## O Segredo do Pico da Jacutinga

---

— Oi, Chico, você ainda está por estas bandas, disse o Fafau.

— Num falei que moro por estas bandas? Foi bõo passeá por lá pô riba?

Fafau respondeu.

— Foi bom e ruim.

— Uai, proquê?

— Tivemos uma experiência muito diferente.

— Ocês pegaram o disco da rainha Bantu. Este disco conta a história de nosso povo. Ele é sagrado e os preto veio toma conta dele.

— Como assim, retrucou o Monsieur.

— Ocês não deviam tê pego o disco. Agora que sabem onde ele está, não contem para ninguém. Guarde este segredo que os espíritos de nossos antepassados vão proteger ocês por toda a vida.

Os rapazes partiram, rumando para suas casas.